



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO – CENFLE
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

LILIAN MARIA FERREIRA SALES

O LÉXICO VOCABULAR EM DONA GUIDINHA DO POÇO

SOBRAL

2016

LÍLIAN MARIA FERREIRA SALES

O LÉXICO VOCABULAR EM DONA GUIDINHA DO POÇO

Artigo apresentado à Universidade Estadual
vale do Acaraú – UVA como requisito parcial
da nota da disciplina Estilística do Português,
do curso de Licenciatura letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Vicente de Paula da
Silva Martins.

SOBRAL

2016

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, porque Ele é o meu tudo, e em segundo lugar agradeço a minha família, e em especial a pessoa de minha mãe Zenaide, que me deu todo apoio e empenho do começo ao fim.

A meu marido Erivan, que me deu toda força e carinho para que eu pudesse concluir com perseverança este curso.

A meu pai Expedito, que sempre me ajudou na espera quando voltava para casa à noite, o meu muito obrigada.

Por fim, a minha irmã Leiliana, que sempre me ajudou prestando o auxílio em orações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus por todas as dificuldades e lutas que enfrentei para chegar até aqui. Aprendi que é lutando que se alcança a vitória, e esta depende do nosso esforço e empenho, pois não há vitória sem luta.

Ao meu professor Dr. Vicente de Paula da Silva Martins, pelas suas palavras de força e empenho, ao longo de nossa disciplina Estilística do Português.

A todos os amigos da disciplina, que me ajudaram , esclarecendo dúvidas e ajudando com palavras de apoio, e de incentivo.

“É melhor que fale por nós a nossa vida, que as nossas palavras”.

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

Denotamos no livro *Dona Guidinha do poço* (1952), de Manoel de Oliveira Paiva, o léxico vocabular que representa a força do regionalismo e que evidencia imensa expressividade de uma comunidade, de um povo. O vocabulário é a identidade que caracteriza a maneira de ser de uma determinada região. O Nordeste é o foco da literatura regionalista datada no século XIX e o rústico mundo interiorano é idealizado para representar o que os escritores românticos perceberam os comportamentos e valores bem diferentes daqueles da corte. Apesar dos escritores presenciarem o romantismo, Alguns destes escritores como Franklin Távora, Domingos Olímpio, e o próprio Oliveira Paiva, fizeram parte de uma vertente chamada literatura regionalista. Os autores de obras regionalistas tinham que vivenciar o espaço natural, o que não adiantava só conhecer, mas sim de vivenciar, sentir de fato o que é ser regional. As peculiaridades do nordeste, a forma como as pessoas utilizavam a linguagem para se comunicarem, e de algumas expressões que são utilizadas só por eles. A base de um povo ou de uma comunidade linguística está na fala, são características que o nordestino carrega consigo, desde a sua formação, e que o léxico é compartilhado, evocado com as mesmas pessoas desta comunidade linguística que matem firme o seu dialeto. Para tanto, apoiamo-nos nos teóricos MARTINS (2008), COUTINHO (1988), VILELA (1995), dentre outros. A obra escrita pelo autor Paiva, retrata bem o valor regional, merecendo destaque o trabalho com a linguagem, que dá vida ao texto do romance, particularmente no que se diz respeito ao léxico vocabular, cujo é preservado na sua essência, pelo autor. O que pretendemos é estudarmos o léxico, o diálogo empregado pelos personagens escritos na obra. Tendo como corpus do estudo trechos da obra citada, que evidenciam expressões de uma linguagem regional. A importância do léxico, e o espaço onde configuram a cena dos personagens.

PALAVRAS – CHAVE: Léxico, Regionalismo, Dialeto, Expressão vocabular, Cultura.

ABSTRACT

We denote the well of the book *Dona Guidinha* (1952), by Manoel de Oliveira Paiva, the vocabulary lexicon that is the strength of regionalism and shows immense expressiveness of a community, of a people. Vocabulary is the identity that characterizes the way to be of a certain region. The Northeast is the focus of regionalist literature dated in the nineteenth century. Despite witnessing writers romanticism, any of these writers as Franklin Tavora, Domingos Olimpio, and the very Oliveira Paiva, were part of a shed called regionalist literature. The authors of regionalist works had to experience the countryside, which was no good just meet, but to experience, to feel really what being regional. The Northeast peculiarities, the way people used the language to communicate, and some expressions that are only used by them, as the behavioral sense of some situations. The base of a people or a linguistic community is in speech, are features that northeastern carries, since its formation, and that the lexicon is shared, evoked with the same people this linguistic community that firmly kill their dialect. To this end, we support you in the theoretical MARTINS (2008), Coutinho (1988), Vilela (1995), among others. The work written by the author Paiva, well portrays the regional value, in particular as regards the vocabulary lexicon, which is preserved in its essence, by the author. What we want is studying the lexicon, dialogue employed by the characters written in the work. With the corpus of the study quoted excerpts from the work, that show expressions of a regional language and bringing the meanings of these words in context. The importance of the lexicon, and the space which constitute the scene of the characters.

KEYWORDS: Lexicon, Regionalism, dialect, vocabulary Expression Culture.

1 INTRODUÇÃO

O romance *Dona Guidinha do Poço* (1952) do escritor cearense Manoel de Oliveira Paiva, apresenta um marco na história da literatura regionalista brasileira. O autor em meio ao movimento literário do século XIX relata através de sua obra, não só a cultura, mas também as particularidades da língua genuína daquele povo, tendo como corpus a cidade de Quixeramobim. Na obra encontramos durante toda a narrativa do romance, um falar característico regional, firmado no dialeto, por uma variante linguística constituída por características fonológicas, sintáticas, e morfológicas próprias. Mas o que queremos tratar aqui neste estudo é o léxico existente na obra, as palavras que tem o poder de evocação, e que fazem parte do contexto social e local dos personagens. E fazendo assim relação entre esse vocabulário oral e a condição social dos personagens.

Este artigo irá discorrer sobre os aspectos sobre o regionalismo, suas características e a importância desta vertente da literatura regionalista, que se formou a parte da literatura brasileira que ocorreu no século XIX, e sua repercussão na literatura nordestina. Iremos definir o léxico a luz de teóricos no assunto e fazendo uma busca deste vocabulário na obra citada. Lembrando que são palavras de cunho regionalista, atribuídas ao dialeto de uma comunidade linguística, e cujas expressões estão registradas na obra *Dona Guidinha do Poço* (1952). E vale ressaltar como o autor utiliza esta riqueza do estilo vocabular em sua narrativa. O significado destas palavras vai de encontro ao contexto social e financeiro de cada personagem. Cada falante mantém a sua linguagem, seguido por um padrão cultural, denotando aquelas particularidades na articulação dos sons (fonologia), e no uso característico do vocabulário da região (léxico). O nosso corpus de estudo está fundamentado na fala dos personagens, viventes da região Sul do Ceará, do século XIX, explícitos na obra citada.

Antes de tudo, é primordial mencionarmos do que se trata a obra e de sabermos a biografia do autor *Dona Guidinha do Poço*, de Manoel Oliveira Paiva.

A obra retrata a história verídica de uma mulher chamada Marica Lessa, que foi condenada pelo assassinato de seu próprio marido Domingos de Abreu e Venceslau, ocorrido no ano de (1953), na cidade de Quixeramobim, no Ceará, por volta do século XIX.

A história foi registrada pelo historiador Ismael Pordeus que obteve acesso em cartório de Quixeramobim, ao processo de Marica Lessa, que havia se envolvido com o sobrinho, Senhorinho Pereira. E cujo havia contratado o executante de crime a mando de

Marica Lessa. O crime é descoberto e ela é condenada há vários anos de prisão. Com o passar dos anos, ela foi solta, quase louca tornara-se uma mendiga, até que morreu como indigente. Foi nesta história real que o autor Oliveira Paiva escreveu o seu romance. E que o autor apenas muda o nome das pessoas da história real, atribuindo outros nomes aos personagens da narrativa, e também retrata um ambiente de encenação diferenciado, trazendo mais riqueza ao romance.

Na obra temos a personagem principal Dona Guidinha, nome na qual é o título da obra de Oliveira Paiva *Dona Guidinha do Poço* (1952). A saga acontece na fazenda poço da Moita. Margarida ou Dona Guidinha, é a poderosa senhora do Poço da Moita, possuidora de várias posses de terra e riquezas materiais. Onde era acolhidos os retirantes, por ter a fama de acolhedora. A mulher apaixonou-se, e envolve-se com o sobrinho Secundinho, este foge para a fazenda, já acusado por um homicídio cometido, vai para a casa do tio, Quinquim. Com o passar do tempo, este desconfiado da Dona Guidinha ter um caso com o seu próprio sobrinho, a pressiona. E dona Guidinha o entrega à polícia. Dona Guidinha revoltada manda matar o seu marido. A primeira vez não deu certo, então ela manda o caboclo Naiú executar o Quinquim. Este morto, o crime é descoberto e Dona Guidinha é condenada a vários anos de prisão. Ela é levada á delegacia sendo vaiada pela população.

O autor Manoel de Oliveira Paiva, nasceu em Fortaleza no dia 02 de Julho de 1861, tendo suas raízes de uma família tradicional, estudou no Ceará, e no Rio de Janeiro. Tempo depois volta para sua terra natal por motivos de saúde. O movimento “Clube Literário” fez parte da jornada profissional do escritor. Na qual foram publicadas suas obras na “Revista Quinzena”. Dentre as obras a que se destacou foi a “Dona Guidinha do Poço” (1853), publicada em forma de folhetins de revistas. Só então a partir de 1952, a obra é publicada em forma de livro. Com a saúde debilitada, Oliveira Paiva, morre vítima de tuberculose, no dia 29 de Setembro de 1892.

2 O REGIONALISMO LITERÁRIO

A força da vertente literária regionalista em meados do século XIX impulsionou a vários escritores a destacarem o regional, em suas obras, apesar da literatura brasileira denotar o romantismo. Mas de fato para podermos compreender em que momento literário a Obra

Dona Guidinha do Poço (1952), foi documentada, por Manoel Oliveira Paiva, e quais influências estavam acontecendo no campo literário, quanto no processo de formação de como seria uma literatura regional, suas peculiaridades, o que os autores de fato deveriam abordar em suas narrativas.

Entendemos que o surgimento da literatura regionalista, iniciou-se no século XIX, esta sendo uma vertente da literatura que deu início na época do romantismo, onde buscava uma identidade nacional, e os autores regionalistas pretendiam investigar aquelas peculiaridades do interior do Brasil, a linguagem, a fome, a seca, o coronelismo, opondo-se a temática do romance urbano, que era voltado para a vida na corte, o que pregava o romantismo. Por sua vez, o romance regionalista buscava o nacional, naquela característica peculiar do Brasil, especificamente da região nordeste. O regionalismo então trouxe para o centro do romance romântico as paisagens e os tipos de um Brasil desconhecido, como os vaqueiros, e os sertanejos do Nordeste. Nessas obras escritas, foi apresentada uma sociedade rural, de comportamento e linguagem diferente, daquelas da corte.

Um dos primeiros autores a retratarem o regionalismo, foi Franklin Távora (*O Cabeleira*, 1876), e que na sua obra apresentava questões da verossimilhança, e a utilização da ficção, mas que também o seu personagem cabeleira foi baseado numa pessoa real. O romance atrelado ao romantismo, sem deixar de lado as características do amor como redenção, o personagem que ia redimir por amor, e que vai ter um final trágico. O romance de Franklin Távora pode ser compreendido como uma obra precursora a esta tendência regionalista, que surgiu no romantismo, no século XIX.

Também houveram outros autores importantes que retrataram o regionalismo em suas obras com: José Alencar (*O Gaúcho*, 1870), (*O Tronco de Ipê*, 1871), e Alfredo d'Escagnolle Taunay (*Inocência*, 1872) seguindo as tendências do romantismo.

No final do século XIX, surgiu a tendência realismo e naturalismo. Dentre os autores desta fase, podemos citar Domingos Olímpio (*Luzia Homem*, 1903), Antônio Sales (*Aves de Arribação*, 1914). Os autores utilizavam uma vertente mais crítica, e a aproximação da realidade a verossimilhança. Estas características vemos na obra de Oliveira Paiva (*Dona Guidinha do Poço*, 1952). Aborda questões da seca, o coronelismo, e a linguagem tão forte representada em sua narrativa, o que denota que o autor dá ênfase ao caráter regional, trazendo a realidade mais possível para o leitor daquela região.

Diante do que foi apresentada sobre a literatura regionalista, a importância desta vertente que os autores seguiram segundo Coutinho ele denota o que seria este regionalismo e sua influência no campo da literatura:

Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte, não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar uma substância real desse local. Essa substância decorre primeiramente, do fundo natural — clima, topografia, flora, fauna, etc... — como elementos que afetam a vida humana da região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico. (COUTINHO, 1988, P. 202).

A literatura tem o seu papel fundamentado na realidade, e que esta, precisa de um ambiente que seja propício para a formulação da narrativa. Pois o regional tem sua particularidade, e que esta deve ser sentida pelo escritor. Sabemos que o grande diferencial da região nordeste é a cultura, que está viva até aos dias de hoje. É algo que a faz diferente de todas, assim como o autor mencionou, é a linguagem, os costumes, o clima, a forma de viver do povo, que a torna o sertão singular, cheio de autenticidade. E referindo-se a Literatura, como os autores procuravam as regiões mais propícias para fazerem seus trabalhos escritos segundo a autora Martins comenta:

Na literatura, são, sobretudo, os romancistas que se utilizam de expressões dialetais, seja que lhes ocorrem espontaneamente, seja porque têm a intenção de imprimir a chamada cor local às suas narrativas. No século XIX, escritores como Taunay (Inocência) e Manoel de Oliveira Paiva (D. Guidinha do Poço) coloriram a fala de personagens ou do próprio narrador com frequentes expressões regionais. (MARTINS, 2008, P.116).

Nas obras de cunho regionalista, elas geralmente apresentam o que favorece aquela determinada região. A chamada cor local, podendo ser uma característica singular, identidade, a linguagem, seguida das expressões linguísticas de uma determinada comunidade, o que a torna uma marca registrada ao longo do tempo, que não se perde, é mutável esta em constante transformação.

3 LÉXICO VOCABULAR

O léxico é entendido como um conjunto de itens lexicais representativos do patrimônio sociocultural de uma determinada comunidade. A riqueza do vocabulário percebida, e a definição sobre léxico o autor (Vilela, 1995, p. 13), comenta:

O léxico é uma perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si.

A forma como as pessoas relacionam vai depender do grau de conhecimento desta linguagem. Um conjunto de palavras, que são interiorizadas pelos falantes de uma comunidade, tem todas elas sentido. O contexto na qual onde o indivíduo está inserido faz toda a diferença, poderemos ver no exemplo a seguir.

Se um indivíduo de outra região, por exemplo, do rio grande do sul, em um diálogo com um nordestino nato, eles por terem as suas raízes, suas bases em seus dialetos, irão ter dificuldades, quanto à compreensão destas expressões como: “bala” quer dizer projétil de arma de fogo para o nordestino. E o significado que esta palavra tem para um gaúcho é que seja uma pequena quantidade de açúcar misturada com substâncias aromáticas.

Então para que haja comunicação entre os sujeitos, é importante a comunidade linguística na qual eles estão inseridos.

O regionalismo é o conjunto das particularidades linguísticas de uma determinada região geográfica, decorrentes da cultura lá existente. Uma de suas principais expressões é o dialeto. Então analisando a obra ela apresenta uma grande variedade de expressões características da fala dos nordestinos. E estas palavras tem um grande poder de evocação assim como classificou (MARTINS, 2008, P. 108):

São as palavras de poder evocativo, conforme as classificou Bally. São os estrangeirismos, os arcaísmos, os regionalismos, os indigenismos, as gírias. As palavras evocativas não só transmitem um significado, mas também nos remetem a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural, são palavras que afetam a sensibilidade, adquirindo imensa expressividade.

Como podemos perceber, as palavras de poder evocativo são variadas, o que vai depender do contexto onde cada uma está sendo empregada e estudada. Os termos dialetais são denotados através das palavras proferidas por uma comunidade, ou por uma determinada região, etc. Esta característica é sempre notada, através do sotaque, e pela forma como empregam as palavras dando outros significados. Levando em consideração o dialeto para ser considerado como tal, tem que ser falado por uma comunidade linguística regional. É o que denotamos no primeiro capítulo da obra, o autor faz menção, a maneira de falar com característica regional:

De primeiro havia na beira do Curimataú, afluente do Jaguaribe, uma Fazenda chamada Poço da Moita. Situada no século passado pelo português Reginaldo Venceslau de Oliveira. Passou a filhos e netos. Se não fora o desgraçado acontecimento que serve de assunto principal desta narrativa, ainda hoje estaria de pé com ferro e sinal. (PAIVA. 1952, p. 2).

Logo no início no primeiro parágrafo, o autor inicia a sua narrativa aplicando uma expressão regional, pertencente ao léxico, tipo expressão referindo-se ao tempo passado. A expressão “De primeiro” pode ser substituída pela palavra antigamente, o que dá o mesmo sentido na frase. Esta expressão “De primeiro” ela faz parte da cultura dos nordestinos, a maioria deles quando querem referir-se a contar uma história, um acontecimento utilizam esta expressão, ao invés de dizer “Há muito tempo”.

O emprego da palavra “desgraçado” que significa algo ruim, sem sorte, um assassinato desgraçado. O autor denota o forte uso da cultura nordestina que é o aproveitamento das tradições orais e narrativas dos contadores de histórias, podemos assimilar na última frase “hoje estaria de pé com ferro e sinal”. Na medida em que o Reginaldo Oliveira estivesse vivo, estaria forte no sentido figurado, e “sinal” de prova para todos.

Neste trecho o autor utiliza do léxico de palavras de cunho regionalista:

Os cavaleiros subiram o alto, apear na porta da fazenda. Aí o pajem desvencilhou os animais, entregou lanudo matulão de pele de carneiro a uma crioula, despiu a vestia e as perneiras, recolheu os arreios a um quanto contíguo à habitação e saiu puxando o burro e o cavalo, caminhando ao rio.
— Toinho, aquele é o Seu Damião.

- Que Damião mulher?
- O Damião da Imbiratanha, filho da velha Luzia do Quinquim, da cidade de Sousa, que faz uma viagem com você para o Uricuri. (PAIVA, 1952, P. 9)

Denotamos na narrativa, que o autor evidencia os costumes, o que os vaqueiros faziam, e quais ferramentas eles utilizavam. Como por exemplo, o ‘ matulão’ uma espécie de saco onde os retirantes nordestinos carregavam seus pertences, ou que servia para carregar as provisões, tipo comidas. A ‘ vestia’ é um casaco de couro utilizado por vaqueiros, o conhecido gibão. E as ‘perneiras’ tipo de proteção masculina destinadas a proteger as pernas do vaqueiro, pois a vegetação do sertão é bastante densa e fechada, cheia de espinhos, e este tipo de vestimenta foi e é utilizada até hoje em dia, pelos vaqueiros.

Nesta passagem, vemos o diálogo entre o vaqueiro e Secundino, a forma como ele utiliza a sua linguagem para se comunicar, utilizando expressões populares:

- Vossa mercê não se ofenda, mas primita que lhe diga, meu amigo, que leite se vende é do Batrité pra baixo, respondeu o vaqueiro. Néu, vai ver uma cuiá de leite pra este moço... Vosmecê se apeie : o patrão está na vila, mas a Dona me autorizou a oferecer rancho a vossa mercê.
- Muito obrigado! Disse o moço, pondo o pé no barro. E virando-se par o cargueiro:
- Seu Joaquim vá seguindo que eu já lhe pego. Antes de você alcançar a vila, estou-lhes nos mocotós.
- Ainda faltam as outras cargas.
- Olhe que é três léguas grandes, obtemperou o vaqueiro. Seus burros a onça está come não come. (PAIVA, 1952, P. 13).

Fica evidente o uso da expressão ‘ vosmecê’ que quer dizer ‘senhor’ ou ‘senhora’ e que também esta palavra era utilizada pelos moradores da zona rural. Algumas palavras apresentam- se incompletas, mas que o povo daquela comunidade linguística entende o que quer dizer ‘Batrité’ a cidade de ‘Baturité’. E em ‘primita’ no sentido de permitir falar.

A linguagem utilizada pelos personagens parece comum a todos. A fala de Dona Guidinha apresenta um forte linguajar nordestino, pronuncia bem as palavras, de forma mais correta. Já os retirantes, os vaqueiros e escravos matem o sotaque nordestino e falam de forma menos adequada, cortando letras, como podemos ver no diálogo do vaqueiro: “— Tenha paciência. Ó depois primita que lhe diga, que é asneira vosmecê ir assim batendo c’a

cabeça pelas pedra, como lá diz... — Anda com isso, homem !” (PAIVA, 1952, P.14).
 Vejamos como Dona Guidinha refere-se à espuma de leite:

— Onde estava o novilho rajado Muniz ? A vaca peito duro não veio ao curral?
 — Senhora, não. Modo de que ouvi o noivo gaita pra Lagoa? Respondia o vaqueiro, falando muito alto como eles costumam.
 Uma crioula se adiantava no meio das vacas, e apresentava à senhora uma cuia de leite espumoso.
 — Eu quero é capucho, Luísa.
 E gritou:
 — Compadre despeje esta cuia de leite no pote, e me mande um capucho! (PAIVA, 1952, P. 11).

Podemos ver que para cada ação havia nome dado para as coisas. O ‘capucho’ não era só o leite, ele tinha outro componente que os nordestinos deram o nome. O significado de ‘capucho’ é a espuma de leite saído do odre as vaca. Então, quando Guidinha pediu ao seu compadre que mandasse uma capucho, nota-se que ela queria muito nota-se pela frase exclamativa. E a forma como era de costume os vaqueiros falarem alto, o autor da obra denota esta passagem, como foi citado. Assim quanto ao sentido das palavras, “*A comunicação não consiste na transmissão de significados. Os sentidos não são transmissíveis, não são transferíveis. Somente as mensagens são transmissíveis, e os sentidos não estão na mensagem, estão nos que usam as mensagens*”. (BERLO, 1991, P. 173). Podemos entender que no processo de um diálogo, o sentido daquela palavra utilizada por aquele indivíduo, está nele mesmo. Pois é ele que faz uso deste léxico, do mundo em que ele vive e conhece como ninguém. É algo que foi construído a partir de suas vivências ao longo do tempo. E sobre estas pessoas que fazem parte da construção de seu léxico, segundo Biderman (2001, P. 179), “os membros dessa comunidade funcionam como sujeitos – agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua”. Portanto, vemos o nordestino como sujeito de sentido para a sua própria cultura e linguagem.

Os recursos que os personagens usam para poder se comunicar é essencial, para que haja troca de informações, para que de fato haja comunicação significativa. Recursos estilísticos, o léxico vocabular que faz parte daquele povo, daquela comunidade, é um

conhecimento que só eles conhecem e dominam. O que se fazia e que se fez necessário repassar tal riqueza para as obras literárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a obra *Dona Guidinha do Poço*, apresenta um conteúdo bastante expressivo da cultura cearense, da maneira de falar, especificamente ao léxico empregado na fala dos personagens. E o próprio autor utiliza-se do vocabulário para enriquecer e tornar a sua narrativa mais realista possível. Foi imprescindível o estudo do foco narrativo do romance, que por sua vez, destacou a região nordestina, seguida de seus valores culturais.

A literatura regionalista esta vertente da literatura brasileira teve seu grande papel, na propagação da cultura cearense. Foi através de escritores audaciosos que iniciaram fazer uma literatura voltada par o regional. Oliveira Paiva, foi um dos escritores que mais retratou a formas de falar, o dia-a-dia- do nordestino, o que ele sentia e enchergava ao seu redor.

A base de um povo ou de uma comunidade linguística está na fala, são características que o nordestino carrega consigo, desde a sua formação, e que o léxico é compartilhado, evocado com as mesmas pessoas desta comunidade linguística que matem firme o seu dialeto. As palavras de poder evocativas estão atreladas a uma base firme. Conforme Bally (1995) destacou-as os regionalismos (termos dialetais). Cujos fazem parte da variante linguística da região sul cearense, localizada na cidade de Quixeramobim, no ano de (1952). O que na obra evidenciamos o emprego desta, através do autor narrador e da fala dos personagens.

Concluimos que o estudo do léxico vocabular de uma comunidade linguística, nos mostra a importância de uma cultura que tem perdurado durante anos. O dialeto nordestino tem uma base solidificada, pois é passado de geração a geração, a cultura nordestina. Através não só referente a fala, mas também através dos contos de histórias, os repentes. O autor Oliveira Paiva, em *Guidinha do Poço* (1952), demonstra a riqueza de um povo, de uma comunidade, que é a linguagem. O nacional para ele era trazer o que se tinha de importante no interior do Brasil, especificamente na região do nordeste. Fundamentado em uma literatura regionalista defendeu fielmente a cultura da região sul do Ceará.

REFERÊNCIAS:

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: Linguística qualitativa e computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERLO, David Kenneth. **O Processo de comunicação: Introdução à teoria e à prática**. 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 16ª ed. – editora Bertrand Brasil. Editora Civilização Brasileira, 1988.

MARTINS, Nilce Sant Anna. **Introdução a Estilística: A expressividade na Língua Portuguesa**. 4ª Ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PAIVA, Manoel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. Versão em pdf, para fins didáticos.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almeida, 1995.

www.cidio.com.br

www.wikipedia.org